

Pereira ensinando os surdos-mudos

I

A conquista mais benefica, mais util, mais santa da humanidade, no seculo XIX, foi, incontestavelmente, a tolerancia religiosa; não só porque sanccionou e inscreveu nos codigos o altissimo principio philosophico da liberdade da consciencia, mas porque impediu que fossem proscriptos da sociedade os seus filhos mais prestantes.

Não ha incompatibilidade entre o sentimento religioso e a illustração; mas é certo que os homens pensadores, aquelles que se comprazem em arrojar a intelligencia ás espheras especulativas, supportam com má vontade o captiveiro dos dogmas, ou preferem, de todas as fórmulas religiosas, a mais ampla, a que deixa maior latitude ao livre exame e á iniciativa da consciencia individual.

As proscripções em massa, que tantas vezes lançam um negro véo sobre a historia dos paizes catholicos, privaram quasi sempre os governos, que se deixavam arrastar pelo fanatismo, dos cidadãos que mais uteis podiam ser ao desenvolvimento intellectual ou economico da sua patria.

As medidas tomadas pelo sombrio Filippe II contra os seus subditos dos Paizes Baixos, inundaram a Inglaterra com uma emigração industriosa, que transportou para as cidades do Reino Unido os teares, as fabricas, que, durante a edade média, tinham dado a Flandres tanto nome e tanta riqueza.

A revogação do édito de Nantes, assignada por Luiz XIV, a quem a historia, que não se cança de ser aduladora, ainda hoje chama o *Grande*, povoou tambem a Inglaterra e a Hollanda de emigrados protestantes, que formavam até ahi, em grande parte, a phalange industrial, pensadora e scientifica da França.

Lá foi, entre outros sabios illustres, Papin, o precursor de Watt, que, se não dotou a Inglaterra, nos fins do seculo XVII, com a machina de vapor, que só alli brotou nos fins do seculo XVIII, foi porque as academias, sempre inimigas do progresso, não quizeram comprehender que na singela marmita do physico pros-

cripto referia uma nova era para a industria, e, mais ainda, a renovação do mundo.

Em França e em Flandres privaram-se os governos voluntariamente dos cidadãos em cujo espirito illustrado ardia, como em sacrario mystico, a chamma do progresso. Em Portugal e Hespanha exerceu a inquisição os seus rigores sobre uma raça que, por um privilegio singular, conservava, de envolta com a sua tradição religiosa, a tradição civilisadora do mundo antigo. Os judeus fugiam espavoridos das chammas dos autos de fé, que projectavam a sua luz vermelha no ceo entenebrecido pela desapparição successiva de todas as estrellas gloriosas que no seculo XVI resplandeciam no horisonte peninsular.

Entre as convulsões terriveis que assignalaram a passagem da civilisação antiga para a moderna civilisação, permaneceu a raça hebraica, desprezada e opprimida por todos, mas conservando, no meio da confusão dos povos, a sua potente individualidade. Já os altivos romanos do imperio tratavam com desdem esse povo errante e sem patria, e já elles reconheciam, comtudo, a sua indole trabalhadora, industriosa e especulativa. Na edade média, o isolamento dos judeus foi ainda mais manifesto; ao odio religioso ligou-se um supersticioso terror pela superioridade da illustração d'essa raça proscripta. No recinto defeso das *judiarias* ardia mysteriosamente a labareda da alchimia; instrumentos desconhecidos espreitavam, no silencio das noites, no ceo estrellado, o movimento das luminosas espheras; e nas lojas obscuras dos bairros especiaes rodava o oiro que os christãos cubiçavam. A necessidade vencia, comtudo, a repulsão fanatica, e os judeus, sempre ameaçados pelas leis, eram sempre, ainda assim, os dictadores da fazenda publica, os medicos, os astrologos dos monarchas christãos. Mas depois do seculo XVI tudo mudou; a grande reacção religiosa, produzida pela repercussão da Reforma no assustado catholicismo, descarregou, em fim, sobre a cabeça dos filhos de Israel a espada da intolerancia. Nos dois seculos seguintes, a inquisição não fez senão afugentar as familias hebraicas, tão pacientes e illustradas. Os paizes do norte receberam successivamente ondas e ondas de emigrados, que lhes levavam a riqueza e a civilisação. Entre essas colonias, que transportavam comsigo, como os gregos espancados de Byzancio pelo alfange dos turcos, a lampada da sciencia, distinguia-se a colonia portugueza; e é com dor profunda que vemos nomes de compatriotas nossos a engastarem, como perolas que do nosso manto sacudiamos phreneticamente, a purpura da civilisação dos paizes mais adiantados. Foi assim que a Hollanda (como os leitores do *Archivo* poderam ver no bello estudo do sr. Innocencio Francisco da Silva) nos roubou Spinosa, foi assim que a França nos roubou Jacob Rodrigues Pereira, o instructor dos surdos-mudos, e com elle os seus descendentes, que são hoje em França banqueiros, politicos e economistas distinctissimos!

II

A proposito do abbade de l'Épée, outro varão, como Jacob Rodrigues Pereira, zeloso pela educação dos surdos-mudos, escrevi eu já o seguinte:

«Em todo o tempo foram os surdos-mudos objecto ou de horror ou de compaixão, conforme era menos ou mais esclarecida a humanidade. Cadaveres que atravessam o mundo, sem poderem communicar aos seus irmãos os pensamentos que talvez lhes refervem no cerebro, sem terem do que os rodeia outras percepções que não sejam as que a vista lhes transmitte, os surdos-mudos inspiraram, como os cadaveres que dormem nos tumulos, compaixão ou terror supersticioso ás gerações que se tem succedido umas ás outras sobre o solo do planeta que habitámos. Até o seculo XVI, nenhumas, comtudo, quizeram admittir que esses entes vivos, sãos, robustos, e intelligentes muitas vezes, a quem Deus estampára na fronte o estygma da morte, podessem gozar as regalias e os privilegios da humanidade. Mais ou menos respeitosos, mais ou menos compassivos, os legisladores repelliram sempre essas creaturas desherdadas da communhão social. A civilisação antiga, ainda que chegada a um grau de esplendor e de sciencia, a que em muitos pontos o nosso proprio seculo ainda não conseguiu attingir, não admittiu no seu banquete os infelizes sequestrados do mundo por uma enfermidade atroz. É esta uma das provas que mais vehementemente pugnam contra a illustração pagã; o que demonstra claramente que a luz das civilisações humanas é sempre falsa e impura, se no seu clarão deixar de conter uma parcella do esplendor divino. Em quanto o sol do Evangelho não brilhou sobre o mundo, em quanto a ardente caridade, prégada por Jesus do alto da sua cruz do Golgotha, não se inoculou, para assim dizermos, nas veias das gerações, todos os progressos do espirito humano foram apenas tactear de cegos nas trevas do erro. Que importava que a mão do cego empunhasse o facho, cujo esplendor doirava todos os objectos exteriores? O mundo material apresentava um panorama deslumbrante, mas o moral jazia em trevas; o sol do mundo interno não despontava ainda nos rubros horisontes da Palestina. E, comtudo, a philosophia grega e a philosophia romana, guiadas pelos maiores vultos de que a humanidade se glorifica, tinham entrado quanto possivel nos segredos da nossa natureza. Socrates, bebendo a taça da cicuta, glorificava Deus e a virtude, esse raio de luz celeste que anima o barro vil dos descendentes de Adão. O philosopho de Sunium prégava com as suas palavras de mel o culto da verdade e o culto do bello, que é da verdade o esplendor. Cicero, discipulo e admirador dos gregos, prestava á philosophia precursora do christianismo todo o fogo da sua eloquencia sem rival. Gregos e romanos, orgulhosos das suas infinitas escholas, dos seus infinitos systemas, derrubavam os deuses do Olympo e divinisavam a creatura. Julgavam ter dissipado completamente as sombras supersticiosas que entenebrecem a razão e a dignidade do homem. E a sua legislação, de que elles tanto se orgulhavam, a sua legislação, que os Ciceros e os Hortensios consideravam como a obra prima da intelligencia humana, excluia dos foros de cidadãos os surdos-mudos, inhibia-os de testar, de dispor dos seus bens, de contrahir quaesquer relações sociaes, punha-os, em fim, n'uma condição ainda inferior á dos escravos, á dos párias da India, á dos ilotas de Esparta, excluindo unicamente d'essas disposições os surdos de nascença, a quem a natureza concedêra falla: *Si enim vox articulata eis natura concessa est.*

«Na edade média, a condição dos surdos-mudos foi ainda mais afflictiva. A barbaria reinava em toda a Europa, e o christianismo, apesar da sua omnipotente influencia, não ousava combater as superstições profundamente arraigadas no espirito inculto dos invasores do imperio romano. A enfermidade dos surdos-mudos foi, como a lepra, considerada um castigo da Providencia. Os infelizes viam arredarem-se todos d'elles, e mesmo as portas do templo raras vezes se descerravam para lhes darem abrigo. Desamparados, morriam sem terem conhecido uma só das alegrias do mundo, sem terem quem tentasse explicar-lhes uma só das maravilhas que os rodeavam. Comparsas infelizes no drama da existencia, appareciam na scena do mundo, contemplavam com admiração as prodigiosas decorações, e desappareciam sem poderem perceber o que era esse espectaculo brilhante que diante d'elles se desenrolava. O leproso tinha ao menos a consolação de desprezar os que o desprezavam: in-

telligente e altivo, podia encerrar-se na consciencia do que valia, refugiar-se na cynica misanthropia dos Diogenes; humilde e religioso, podia elevar o espirito a Deus, e nas visões das suas noites solitarias appellar da sentença dos homens para a sentença do Evangelho, e repoisar a cabeça fatigada no meigo collo de Jesus! Mas o surdo-mudo? A lepra que o devorava esterilisava-lhe a intelligencia, cerrava-lhe não só as portas da sociedade, mas tambem as portas do mundo moral. A consciencia não lhe era abrigo, porque ninguem lhe proporcionára os meios de perceber essa voz intima e consoladora; na religião não encontrava consolações, porque não sabia que balsamo era esse; para Deus não appellava, porque nem esse mesmo raio de luz lhe sulcava as trevas. O surdo-mudo, o proscripto da humanidade, só muito por instincto poderia ter a vaga noção do Creador.»

O primeiro homem que tentou fazer entrar os surdos-mudos na communhão social foi um frade hespanhol, chamado Ponce de Leon, que vivia no seculo XVI. O seu systema era, comtudo, extremamente rudimentar e trabalhoso. O surdo-mudo lia os sons nos labios do interlocutor e respondia por escripto. Jacob Rodrigues Pereira fez mais, conseguiu que os surdos-mudos pronunciassem automaticamente as respostas que até ahi escreviam. Mas isso era um prodigio que tinha as suas côres de sortilegio, e que era impraticavel empregado em larga escala. O verdadeiro titulo de gloria de Jacob Rodrigues Pereira é, sem dúvida, a invenção do alphabeto manual, que, aperfeiçoado pelo abbade de l'Épée, constitue a base da moderna educação dos surdos-mudos.

III

Foi no dia 11 de abril de 1715 que nasceu em Peniche Jacob Rodrigues Pereira, filho de Abrahão Rodrigues Pereira e de Abigail-Ribea Rodrigues. Não se sabe em que epocha esta familia passou a França, mas é natural que fosse n'aquella recrudescencia de fanatismo que accendeu as fogueiras onde foi queimado o poeta comico Antonio José, porque já em 1734 encontrâmos Jacob em França, applicando-se ao estudo das questões relativas á instrucção dos surdos-mudos. Isto, comtudo, é mera conjectura; o longo reinado do sr. D. João V não foi senão uma longa perseguição da raça hebaica, e nos annos que medeiam entre 1715 e 1734 os autos de fé repetiram-se com frequencia.

A 22 de novembro de 1746, segundo diz o sr. Gama Castro em uns artigos publicados no jornal francez a *Opinião Publica* em 1852, ou no principio de 1745, como quer o anonymo que o biographa no *Magasin Pittoresque*, apresentou Jacob Rodrigues Pereira á academia de Caen o seu primeiro discipulo; em 1749, tendo por padrinho o celebre Buffon, compareceu o nosso compatriota com o seu alumno perante a academia das sciencias de Paris, que, maravilhada, lhe outhorgou os maiores elogios. Tambem Luiz XV desejou ver o prodigio em que todos fallavam, e concedeu ao sabio portuguez uma pensão de 800 libras a 22 de novembro de 1751; em 1765 foi Jacob Rodrigues Pereira nomeado interprete regio das linguas portugueza e hespanhola, e viveu, cercado de honras e de recompensas, até o dia 15 de setembro de 1780, em que falleceu, sendo enterrado no cemiterio de Villette.

O vasto engenho do nosso compatriota não se limitou a esta especialidade; em varios ramos das sciencias humanas se mostrou eminente. Concorreu com Euler e Bernouilli para resolver o problema de substituir nos grandes navios a acção do vento pela dos remos, e mereceu da academia das sciencias de Paris as honras do *accessit*, distincção eminente, se nos lembrarmos que os seus competidores, aquelles que ganharam o premio, eram dois vultos como só de seculos a seculos apparecem nas sciencias mathematicas. Escreveu, além d'isso, uma memoria sobre questões de fazenda e inventou uma machina de calcular.

São seus descendentes, como dissemos já, os dois celebres banqueiros parisienses Isaac e Emilio Pereira, que, afrancezando a terminação portugueza, são hoje conhecidos pelo nome de *irmãos Pereire*. Em quanto o nome e a gloria de Jacob Rodrigues Pereira eram completamente olvidados na patria, e ainda hoje só de quando em quando despertam entre nós um frouxo echo, no estrangeiro, então e agora, não se tem cessado de tributar homenagem ao genio do resuscitador intellectual dos surdos-mudos. Em quanto vivo, mereceu os elogios de J. J. Rousseau, Diderot, La Condamine, d'Alembert, e dos reis de França, da Polonia, da Dinamarca e da Suecia; depois de morto, ainda a França venera a sua memoria, e um notavel esculptor, mr. Chatrousse, apresentou na exposição universal de Paris, em 1867, o baixo relevo de que a nossa gravura é cópia. Que lição para nós, que deixâmos andar lá por fóra, ao capricho da popularidade estrangeira, as glorias que nos pertencem! E podêmos reclamal-as, comtudo, porque os genios menosprezados pela patria vingam-se d'ella illustrando-a no futuro, e, a Jacob Rodrigues Pereira, nós, os ingratos, podêmos dizer como dizia Lamartine a Filinto Elysio:

Ni l'exil, ni les fers de ces tyrans du Tage
N'enchaineront ta gloire aux bords ou tu mourras.
Lisbonne la réclame, et voilà l'héritage
Que tu lui laisseras!

. . . .

Aux rivages des morts avant que de descendre,
Ovide lève au ciel ses suppliantes mains:
Aux sarmates grossiers il a légué sa cendre,
Et sa gloire aux romains.

M. Pinheiro Chagas.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Conclusão. Vid. pag. 258)

XIX

DESLUMBRAMENTO

O inverno tinha passado com todas as suas tristezas e melancolias: os prados revestiam-se outra vez de flores; os bosques toucavam-se de verduras; os passarinhos cantavam nas balsas, festejando a vinda da primavera; os rebanhos saltavam alegres sobre os novos pastos; e os pescadores percorriam os mares, já desassombrados das tempestades, que, todavia, vinham ainda de vez em quando dizer o ultimo adeus á estação que findára.

Pedro e Maria viviam juntos havia quatro ou cinco mezes. A moça definhava-se extraordinariamente; a esperança consumia-a inutilmente, mas não a vencia. Em torno dos olhos formaram-se-lhe dois circulos azulados; cavaram-se-lhe as faces; fugiu-lhe a côr mimosa e o aveludado do rosto, que n'outro tempo lhe merecêra o ser comparada a uma rosa; perdeu a vivacidade e esplendor da juventude, que seis mezes antes a tornavam a primeira entre as mais bellas da sua terra; deixou de ter appetite e de dormir bem, porque passava as noites a chorar.

Mas todos estes terriveis symptomas não provinham da dúvida. Ella cria firmemente, como no momento da partida de Carlos Eugenio, que este voltaria para a desposar. A demora é que a matava; a sua paixão era ardente, e a falta de alimento para ella devorava lentamente a saude á rapariga.

Todos os dias, ao romper da manhã, ia sentar-se no alto do areial do Esteiro, com os olhos fitos no immenso espaço de mar que d'ahi se avista, esperando o navio fatidico em que devia vir o seu promettido. Demorava-se até á noite n'aquelle sitio; e muitas vezes era Pedro que, voltando da pesca, a trazia para casa quasi á força. A gente da terra, que se ria d'ella ao principio, acabou por julgar que a infeliz havia enlouquecido e deixou de prestar-lhe attenção.

Pedro amava-a sempre, e seguia-a muitas vezes de longe com o olhar humido e o coração oppresso.

O padre Manuel sentava-se horas inteiras ao pé d'ella, tentando convencel-a de que fôra illudida e que eram vãs as suas esperanças. Maria respondia sempre:

— Ha de vir!

E nada mais dizia.

Pedro, nos dias em que não podia ir ao mar por causa do tempo, acompanhava-a em sua pertinaz vigia, espreitando com ella os horisontes, e sentindo uma satisfação cruel por ver que todos os navios passavam muito ao largo; mas, como era bom e idolatrava cegamente a moça, findou tambem por desejar quasi que se realisasse a volta de Carlos Eugenio.

— Ser amado assim e não tornar! dizia elle comsigo. Um mundo que houvesse entre nós, não me impediria a mim! Que Deus o traga! Embora eu tenha de estalar ao vêl-a pertencer-lhe para sempre, mas antes isso do que tel-a aqui a penar sem remedio!

Uma tarde vieram os barcos mais cedo da pescaria, porque o mar estava levantado ao largo e o vento saltava ao sul, soprando com violencia.

Pedro ia com os apparelhos para casa, quando avistou Maria no cimo de uma rocha muito alta que ha na praia da Forcada. Entregou as linhas a um companheiro e dirigiu-se para a moça, que fitava os olhos no Oceano:

— Vens d'ahi, Maria?

Ella não respondeu, talvez por não ter ouvido, e Pedro chegou-se mais perto:

— Ó cachopa!

— Ah!... és-tu? Anda cá.

O moço pescador galgou de um pulo a distancia, e, seguindo com a vista a direcção do olhar de Maria, viu um grande navio correndo no bordo da terra em rebeca e papafigos.

— É elle! disse a amante de Carlos.

— Pobre moça!

— Posso jurar-t'o; agora é o coração quem m'o diz.

— Ai, cachopa! Se o coração te fallasse verdade, já elle cá tinha chegado ha muito!

— Verás.

O navio aproximava-se rapidamente da costa.

— Olha! uma bandeira na ponta da carangueja! Vê lá se me illudo agora! Provavelmente, tinha passado para Inglaterra sem eu o ver!

E Maria saltou como uma corça de rocha em rocha, até chegar á praia; d'alli correu pela borda do mar e foi pôr-se no ponto onde ia direita a prôa do navio. O mar fazia grande resaca n'aquelle sitio, e a onda, quando se quebrava, vinha até quasi aos pés da moça. A maré enchia e o vento soprava do sul, cada vez com maior violencia.

Pedro deixou-se ficar onde estava e começou tambem a crer que o navio trazia Carlos Eugenio. A não ser assim, só se quizesse encalhar é que seguiria similhante rumo. É verdade que tambem podia andar bordejando, por se lhe ter posto contrario o vento; mas, n'esse caso, não tinha necessidade de tomar o bordo tanto á terra.

A gente das companhas dos bateis, que por alli andava, foi-se chegando toda para a borda do mar, e começaram a dizer uns para os outros, vendo aproximar o navio:

— Querem vossês ver que é o tal sujeito da Palmeiro, e que a cachopa ainda casa rica?

— Quem sabe lá! O Pedro Paranhos é um grande pateta. Pois não esperava casar com ella se o outro não voltasse!

— Sim? Então parece-me que lhe póde dizer adeus! Que dianho viria cá fazer o navio tão perto, se não fosse para lhe fazer o signal que dizem que lhe promettêra?

Maria estava triumphante. O navio trazia necessariamente um piloto conhecedor d'aquelles mares, porque singrava por entre os rochedos como um batel costeiro. Era um brigue portuguez todo pintadinho de novo, com a cinta branca e o panno sem um unico remendo.

Ao vêl-o já tão perto, a amante de Carlos Eugenio lançou um olhar victorioso sobre todos os individuos que estavam na praia, alguns dos quaes haviam mofado d'ella; e, volvendo a vista outra vez ao navio, foi entrando pelo mar dentro, como para ir ao seu encontro, sem ter bem a consciencia do que fazia. Repentinamente, o brigue, que andava effectivamente bordejando, virou de bordo e poz a prôa no rumo de oeste, sem fazer signal nenhum.

Maria teve um cruel desapontamento, que foi como uma punhalada atravessar-lhe o coração. Voltou-se para sair da agua, e viu o riso de escarneo nos labios de todos os que, momentos antes, fulminava com o seu olhar de triumpho; ao mesmo tempo uma onda enorme cobriu-a toda, envolveu-a na resaca e levou-a para o largo, sem lhe dar tempo de soltar um ai!

O riso gelou-se em todas as bocas, e muitos homens valorosos se precipitaram ao mesmo tempo para acudir á desgraçada. Mas as roupas, que tinham fluctuado por um momento á flor d'agua, desappareceram logo.

Pedro atirára comsigo ao mar de cima do rochedo distante em que se achava, e, nadando como um peixe para o logar do sinistro, poz-se a pairar ao largo, á espera que a moça reapparecesse, para a empolgar com a mão de ferro do marinheiro e com o coração do amante.

A vaga augmentava com o vento e a enchente, e Pedro nadava sempre sem descobrir coisa alguma.

— O rapaz afoga-se! gritou um dos seus rudes companheiros.

— Nada para terra, que a moça não torna a voltar! lhe bradou outro.

Elle mergulhou como se a fosse procurar ao fundo do mar, e tornou a boiar sem a ter encontrado.

— Bota um barco ao mar! um barco! depressa! Vamos agarral-o á força, senão elle é capaz de se deixar morrer!

O batel de soccorro voou pela areia abaixo, e seis homens robustos saltavam já para dentro, quando Pedro lhes gritou!

— Não! Vivo ou morto, pertenço-lhe; e, já que não pude viver com ella, morreremos juntos.

Acenou com a mão aos amigos assombrados, olhou para o ceo, poz as mãos e mergulhou na eternidade.

XX

AS ROSEIRAS DO AMOR

Duas horas depois, o mar depositou na areia dois corpos abraçados: eram Pedro e Maria. O padre Manuel, que nunca na sua vida tivera dor egual á que lhe causou esta catastrophe, enterrou-os ao pé da capella de Santo André, junto ás roseiras destinadas, havia um anno, para marcarem o periodo da felicidade de ambos, quando dessem rosas.

O velho cura deitou lucto por estes pobres amantes, e tomou o piedoso encargo de regar, em quanto viveu, as duas roseiras.

No fim de dois mezes, a de Pedro começou, como

se fôra planta trepadeira, a enroscar-se na de Maria e a desfazer-se em rosas; a outra foi crescendo sempre direita, até que, chegando á altura d'onde se via o mar, principiou a inclinar-se para elle, sem que o mais rijo vento a dobrasse, nem sequer momentaneamente, para outro lado; e, em vez de dar flores, por todos os raminhos lhe nasciam olhos que borbulhavam lagrimas.

F. Gomes de Amorim.

CERAMICA ANTIGA

VASOS DE LOIÇA VIDRADA DA COLLECÇÃO POURTALÈS

NEGLIGENCIA DOS PORTUGUEZES NA CONSERVAÇÃO DOS OBJECTOS DE ANTIGUIDADE

Em o vol. IX d'este semanario, a pag. 85 e 103, tratámos da ceramica antiga, publicando por essa occasião tres gravuras de vasos em barro cozido, um guarnecido de figuras em relevo, e os dois adornados



Vaso antigo de loiça de Urbino, em fórma de urna



Vaso antigo de loiça de Urbino, da feição de cabaça

de pinturas. Estes vasos fazem parte do museu Campana.

Os dois lindos vasos, cuja cópia agora damos em gravura, são de loiça de Urbino com figuras relevadas e pinturas mythologicas. Um, com a fórma de urna, sobreleva em elegancia; o outro, da feição de uma cabaça, sobreleva pela belleza da pintura, que representa a fabula de Daphne transformada em loireiro, para ser salva das perseguições de Apollo. Pertencem estes vasos á numerosa collecção denominada *Pourtalès*, que é o nome do distincto antiquario suisso que a colligiu.

Nos artigos a que acima nos referimos fizemos ver a importancia da arte ceramica grega e romana para o estudo da historia d'estes dois grandes povos, pois que nos seus vasos de barro ou de loiça, quer fossem ornados de esculpturas, quer de pinturas, não representavam sómente assumptos da mythologia, mas tambem factos e personagens historicos, scenas da vida intima, ceremonias civis e religiosas, e quadros de costumes populares.

É por esta razão que em todas a nações civilisadas se dá cada vez maior apreço a taes objectos. Os mais distinctos archeologos, e principalmente os governos, que dispõem de mais recursos, procuram diligentemente adquirir o maior numero possivel de productos da arte ceramica, não só grega e romana, mas de todos os povos antigos e modernos, e, dispondo-os e classificando-os systematicamente, offerecem n'essas collecções valiosissimos subsidios, tanto para o estudo da arte ceramica como para a historia geral da humanidade, especialmente das duas nações que mais brilharam na antiguidade pelos esplendores da sua civilisação.

A França, a Italia, a Inglaterra e a Allemanha possuem mui ricas collecções de objectos da arte ceramica egypcia, grega, romana e de outros povos. A Italia é o paiz onde se tem encontrado, em escavações casuaes ou feitas expressamente para esse fim, maior porção d'estas preciosidades archeologicas. Ninguem alli se atreve a destruir essas antigualhas. Por mais rude que seja o seu descobridor, conhece que achou um objecto de valor, e, em tal caso, ou o guarda, conservando-o cuidadosamente, ou o offerece, ou vae vendel-o a quem saiba estimal-o. Assim tem a Italia formado muitos e magnificos museus de antiguidades, enriquecendo ao mesmo tempo numerosos museus estrangeiros.

Portugal não se póde comparar com a Italia na abundancia nem na riqueza de similhantes achados. Mas é certo que em differentes seculos, por todo o reino, e mais particularmente nas provincias do Alemtejo e da Estremadura, tem sido desenterrados do solo muitos milhares de objectos romanos em oiro, prata, bronze, marfim, vidro, marmore e outras materias, taes como anneis e outros adereços de damas, medalhas, lampadas e candelabros, estatuas, vasos de variada fórma

e para diversos usos, baixos relevos, columnas, mosaicos, sarcophagos preciosamente esculpidos, cippos, inscripções, etc.

Mas onde param tantas reliquias d'essas remotas eras, em que o nosso paiz floresceu com o impulso da civilisação romana? Quasi todas foram destruidas por muitos modos diversos, mais ou menos vergonhosos para uma nação que se queira ter na conta de culta.

Os objectos do tempo da dominação romana achados nas visinhanças de Evora, de Beja, de Portalegre, de Elvas, de Arrayolos, de Terena e de outras terras do Alemtejo, podiam constituir, se estivessem hoje reunidos, um valioso museu de antiguidades romanas e arabes, mas sobre tudo das primeiras. Pois de tantas preciosidades, entre as quaes se viam algumas obras de arte primorosas, e até alguns vasos de barro com pinturas, dos denominados etruscos, que raramente se encontravam em o nosso paiz, apenas se conservam juntas em collecção as que foram colligidas pelo sabio bispo de Beja, e depois arcebispo de Evora, D. Fr. Manuel do Cenaculo, e que existem em Evora, formando o museu chamado *do bispo de Beja*. Porém esta collecção, da qual este jornal tem reproduzido em gravura alguns objectos, representa uma diminutissima parte das riquezas archeologicas achadas no Alemtejo. Com raras excepções, tudo o que era de oiro ou prata ia parar aos ourives, que se apressavam a lançal-o nos cadinhos; o que era bronze caía nas mãos dos fundidores de sinos; o marmore, quer fossem inscripções, quer fragmentos artisticos, lá se ia esconder nos alicerces ou paredes dos edificios, ou se affeiçoava de differentes modos para novas construcções.

Tudo mais era desprezado e feito pedaços, ou se dispersava, correndo de mão em mão, até que por fim de tempo se perdia.

Tiveram quasi a mesma sorte os objectos desenterrados d'entre as ruinas das cidades romanas de *Conimbrica* (que existiu onde hoje vemos Condeixa a Velha), de *Collipo* (Leiria), de *Cetobriga* (que se sentava no logar agora chamado Troia, defronte de Setubal), de *Olysipo* (Lisboa), e de outras muitas povoações da antiga Lusitania. Mas as localidades que deixâmos nomeadas é d'onde se extrahiu maior numero e mais valiosas antigualhas durante os seculos XVII e XVIII.

Das medalhas, vasos e esculpturas achadas em Condeixa a Velha, Leiria e outras terras na primeira metade do seculo XVIII, algumas vieram a mãos de pessoas intelligentes, como os condes da Ericeira e do Vimeiro, os marquezes de Abrantes e de Alegrete, e de outros mais, que formaram com ellas copiosos medalheiros e mui interessantes nucleos de museus archeologicos. Porém, infelizmente, o terremoto de 1755 tudo destruiu ou desbaratou.

A collecção numismatica do conde da Ericeira, que era uma das maiores e mais ricas que até hoje tem havido no paiz, perdeu-se inteiramente, ficando sepultada debaixo das ruinas do grande palacio d'aquelle fidalgo, que occupava o espaço comprehendido entre as ruas Oriental do Passeio Publico, dos Condes, das Portas de Santo Antão, e o largo da Annunciada.

Quando el-rei D. João V creou a academia real de historia portugueza, em 1720, providenciou sobre a conservação dos monumentos antigos e dos objectos archeologicos que se descobrissem, decretando que ninguem podesse demolir ou mutilar edificio algum antigo, embora fosse propriedade particular, sem que o participasse á auctoridade, para que esta officiasse á academia, a fim de mandar examinar o edificio por pessoa competente, para que lhe tirasse a planta e desenhos, ou propozesse a acquisição d'elle pelo estado, segundo o seu merecimento archeologico ou artistico. Determinava mais o mesmo decreto, que quem achasse quaesquer objectos de antiguidade os não podesse destruir nem vender sem primeiro os apresentar á auctoridade da localidade mais proxima, a fim de, por mediação d'esta, a academia resolver se os queria adquirir, tendo, em tal caso, preferencia na compra.

D'este modo colligiu a academia uma collecção muito interessante de medalhas e antiguidades, que, por desgraça, tambem se perdeu na ruina e incendio do edificio onde funccionava, que era o paço dos duques de Bragança, na rua do Thesouro Velho, em Lisboa, destruido por occasião do terremoto do 1.º de novembro de 1755.

Não foi necessario que passassem seculos para que aquelle decreto ficasse letra morta e sem effeito. Para isto foi bastante que decorressem trinta e cinco annos.

Os numerosos objectos de arte antiga, tirados d'entre as areias que cobrem a cidade de Cetobriga pelas ondas do Oceano, quando, aos impulsos do terremoto de 1755, se precipitaram de improviso e com tremenda furia sobre a extensa restinga onde jaz sepultada a cidade romana, levando para o Sado as areias que lhe servem de mortalha, e deixando-lhe descobertos, pela maior parte, os edificios; o que da mesma cidade se desenterrou durante as escavações que alli se fizeram no reinado de D. Maria I, achando-se a esse tempo os edificios novamente submergidos nas areias; tudo isso por tal fórma se espalhou e desencaminhou, que mui poucas coisas se aproveitaram em beneficio publico [1].

Do theatro romano descoberto em Lisboa, e do qual já temos fallado n'este semanario, foram tiradas muitas e variadas preciosidades. Coube-lhes, porém, egual sorte á d'aquellas. Apoderou-se d'ellas quem primeiro chegou ao logar do descobrimento, além dos trabalhadores, que, cavando, expozeram á luz aquelle thesouro; e o resto foi distribuido em presentes a pessoas de mais vulto social.

De tantas riquezas malbaratadas salvou-se alguma coisa, principalmente medalhas, que, pouco a pouco, se foram encorporando a varias collecções que ainda ao presente existem no paiz. Porém foi maior o numero das que passaram a mãos de estrangeiros, que os levaram para fóra do reino.

Se fizessemos uma relação de todos os objectos archeologicos achados em Portugal desde o começo do seculo XVI até ao presente, de que ha memorias escriptas, encheriamos muitas paginas d'este jornal.

Depois d'aquelle impulso, dado na segunda metade do seculo XVIII, e que tão bons resultados ia produzindo, só ha poucos annos, por vergonha nossa, se principiou a fazer caso, posto que frouxamente, d'essas riquezas, que nos paizes mais cultos que o nosso tão apreciadas são pelo que valem, pelas lições proveitosas que fornecem ás artes e pelos subsidios que prestam ás sciencias.

As primeiras escavações archeologicas, feitas modernamente com o intuito de aproveitar e reunir em collecção os objectos que se descobrissem, foram emprehendidas na soterrada cidade de Cetobriga pela sociedade archeologica de Setubal, de que foi presidente o duque de Palmella, D. Pedro de Sousa Holstein. Pertence-lhe essa honra, e a iniciativa de instituir um museu de antiguidades, que ainda se conserva na cidade de Setubal, embora limitado aos productos d'aquella primeira exploração.

Depois coube á associação dos architectos civis portuguezes, por impulso do seu fundador e primeiro presidente, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, a gloria da instituição de um museu de archeologia nacional, onde já se acham reunidos muitos padrões his-

1 O gabinete de numismatica da bibliotheca publica de Lisboa possue algumas medalhas e outras antiguidades descobertas n'aquella occasião. A bella columna corinthia, de marmore branco e cinzento, que servia de pelourinho á villa, hoje cidade, de Setubal, tambem foi tirada d'aquellas escavações.

toricos e artisticos de differentes eras, que jaziam espalhados por differentes terras do reino, e não poucos abandonados á acção corrosiva do tempo e á sanha, ainda mais destruidora, do vandalismo e barbaridade dos homens.

É facto comprovado pela experiencia que entre nós é nulla ou pouco efficaz, com raras excepções, a iniciativa particular, quando o fim a que se dirige é sómente de utilidade publica. Concorrem para isto causas poderosas e muito naturaes, qué não nos cumpre agora averiguar. Porém, para o caso de que tratâmos, é fóra de dúvida que não basta aquella iniciativa. Para que este paiz possua um museu archeologico, não diremos magnifico, mas, em fim, com que possamos mostrar aos estrangeiros que não desprezâmos este meio de illustração, é mister que o governo se resolva um dia a dar protecção e impulso a quem se esforçar por dotar esta terra com um melhoramento exigido pelos progressos da civilisação.

Embora não abra os cofres do estado, como faz a França e outras nações, para adquirir collecções preciosas de obras de arte e de objectos archeologicos; basta que remova os estorvos e difficuldades que n'este reino se oppõem, geralmente, á realisação de todas as idéas uteis e generosas; e que providenceie para que as auctoridades tomem conhecimento dos objectos de antiguidade que se descobrirem no districto da sua jurisdicção, obstando a que se destruam ou desencaminhem, e procurando facilitar a acquisição de taes objectos á associação que tomar a si fundar um museu nacional de archeologia. I. de Vilhena Barbosa.

EXEMPLOS DE ENERGIA GOVERNATIVA EM PORTUGAL

I

CONFLICTO DO CORPO DIPLOMATICO EM LISBOA COM O GOVERNO DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 261)

IV

Logo que o embaixador de Allemanha soube do procedimento dos seus criados com o juiz do crime da Ribeira, saíu immediatamente, dirigindo-se a casa do ministro de Hespanha, conde de Stampa, a dar-lhe parte do succedido, e da resolução em que estava de luctar. Em seguida percorreu as casas de todos os ministros estrangeiros, com fortuna varia, como ao diante diremos, e n'essa noite, por convite seu, alguns d'estes vieram conferenciar a sua casa.

No dia seguinte, 10 de janeiro de 1710, recebeu o bispo de Lubiana uma carta do secretario de estado Diogo de Mendoça Corte-Real, no mesmo theor da segunda, estranhando-lhe em phrases severas o seu procedimento; interrompendo com elle todas as communicações officiaes; inhibindo-o de entrar no paço; assegurando-lhe que os ministros e officiaes de justiça haviam de continuar a passar por diante de sua casa quando d'isso houvessem mister; e accrescentando que el-rei ia representar ao imperador o seu justo sentimento pelo modo insolito com que o seu embaixador procedia n'esta corte, não só desacatando o principio da auctoridade e oppondo-se ás régias determinações, mas até reunindo em sua casa, para os persuadir a apoial-o na sua resistencia, a alguns ministros estrangeiros, que até alli tinham observado inalteravelmente a nova pratica estabelecida por el-rei D. Pedro II.

Como bem se póde presumir, esta carta não desconcertou as idéas do prelado embaixador. As comminações que ella continha, e que eram a reproducção das da segunda alludida carta, já elle as esperava. Agora, quanto á materia nova que encerrava, a ameaça de queixa ao imperador, essa precisava de ser contrabalançada, sem perda de tempo, em attenção aos laços de parentesco que uniam os dois soberanos. O bispo julgou, pois, que conseguiria este intento se alcançasse envolver na questão a joven rainha D. Maria Anna de Austria. Allemã, e ainda frouxamente ligada a Portugal, por quanto apenas era passado pouco mais de um anno depois que desposára el-rei D. João V, pensou o bispo de Lubiana que não lhe sería difficil fazer inclinar o animo d'esta princeza em favor dos pretendidos interesses da patria do seu nascimento e da dignidade da coroa de seu augusto irmão, o imperador José I.

Vendo-se, porém, impossibilitado de ir ao paço, escreveu á rainha uma extensa carta, datada de 14 de janeiro. N'esta carta empregou o embaixador todos os recursos da sua grande eloquencia e sagacidade. Affectando moderação e humildade com submetter-se ao juizo da soberana, expunha-lhe a questão de modo que parecia vivamente interessado n'ella o decoro do imperador de Allemanha.

Receiando, todavia, que alguem procurasse neutralisar junto da rainha o effeito d'esta carta, mandou chamar o padre Cienfuegos, e encarregou-o de ir ao paço para secundar com a palavra os esforços que elle, embaixador, empregára por escripto.

Cienfuegos era um padre castelhano que assistia, com caracter official, nos negocios e dependencias del-rei catholico. N'este tempo andava Portugal empenhado na guerra da successão de Hespanha em favor do archiduque d'Austria, que então se intitulava Carlos III, rei de Hespanha. Sendo este principe irmão da rainha, esposa del-rei D. João V, o padre Cienfuegos obtinha facilmente audiencia d'esta soberana. Dotado de talento e de muita perspicacia; possuindo aquelle fino tacto para as intrigas da corte, que um homem do seu engenho e na sua posição costuma adquirir nas longas praticas da diplomacia; introduzido pelo conde de Stampa na empreza e planos da opposição ao governo, até o obrigar ao restabelecimento dos antigos bairros dos embaixadores, Cienfuegos era um grande auxiliar em taes circunstancias.

O bispo de Lubiana tinha, portanto, justa razão para esperar que a rainha, rendendo-se ás argucias de tão habil negociador, prestar-se-hia a influir, com todo o poder de uma esposa joven e formosa, para que el-rei pozesse termo á questão, afastando dos seus conselhos a Diogo de Mendoça Corte-Real, e restituindo aos representantes dos soberanos estrangeiros as suas antigas immunidades. Quando o bispo viu partir de sua casa o padre Cienfuegos em direcção ao paço, depois d'este lhe prometter exhaurir no desempenho d'esta missão todos os recursos da sua intelligencia, ficou radiante de alegria, como quem contava com um triumpho certo.

Porém, em quanto o embaixador de Allemanha assim dispunha os fios secretos da sua conspiração, a sua pessoa, a sua casa e todos os individuos que n'ella entravam eram cuidadosa e disfarçadamente vigiados por ordem de Diogo de Mendoça Corte-Real. E tão bem informado de tudo estava o secretario de estado, e tão activo andava n'este negocio, que a rainha não deu resposta á carta do bispo de Lubiana, nem se dignou receber o padre Cienfuegos.

D'esta vez ficou um pouco abalada a presença de espirito do corajoso prelado, que de maneira alguma estava preparado para similhante derrota. Mas, qual general intrepido, que cobra novas forças á maneira que o perigo se aproxima e se engrandece, tratou logo de convocar a uma reunião em sua casa os ministros de Hespanha, conde de Stampa; da Gran-Bretanha, conde de Galloway; dos Estados Geraes da Hollanda, Francisco Schonemberg; e o padre Cienfuegos.

Não tendo a França ministro em Portugal, por se

achar em guerra comnosco, faltavam n'aquella reunião dois membros muito importantes do corpo diplomatico; um era o cardeal Miguel Angelo Conti, nuncio do papa (elevado ao pontificado em 1721 com o nome de Innocencio XIII); o outro era Carlos Isac de Berge, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario del-rei da Prussia.

Debalde tentára o bispo de Lubiana trazer ao seu partido estes dois personagens. Não poupou diligencias, directas e indirectas, mas todas foram infructuosas. O cardeal recusou terminantemente annuir ás suas instancias, logo que o bispo lh'as apresentou, e tanto a elle como a segundas pessoas que solicitaram a sua annuencia respondia «que se admirava muito de que persuadissem ao nuncio do papa a que entrasse em uma conferencia aonde concorriam os ministros de Inglaterra e Hollanda, de religião protestante;» e accrescentava «que, independentemente d'este motivo, não podia tomar parte em similhante questão depois de tantos annos de residencia n'esta corte, sem que em todo esse periodo se lembrasse de pugnar pelas immunidades extinctas.» E tanta era a benevolencia do nuncio para com o soberano que por suas liberalidades em breve adquiriu jus ao epitheto de *magnanimo*, que, apenas o bispo de Lubiana saíu de sua casa, metteu-se o cardeal Conti na sua carruagem e foi contar ao duque de Cadaval tudo que passára com o representante do imperador José I.

O ministro da Prussia era a pessoa de quem um embaixador do imperio de Allemanha menos devia esperar coadjuvação, sobre tudo em um negocio por este levado ao ponto de capricho pessoal. Posto que estivessem em paz estas duas nações, é certo que já então existia, profundamente arraigado no coração dos prussianos, aquelle entranhavel antagonismo que nos meiados d'este seculo accendeu tão encarniçada guerra entre el-rei Frederico II e o imperador José II, e que ha pouco produziu a memoravel batalha de Sadowa.

Por conseguinte, o ministro da Prussia deu resposta egual á segunda parte da que dera o nuncio de sua santidade; e esta sua resolução foi inabalavel.

Não obstante esta contrariedade, o bispo de Lubiana, vendo-se decididamente apoiado pelos ministros de Hespanha, de Inglaterra e de Hollanda, julgou-se bastantemente forte para entrar em campanha com boas esperanças de victoria.

Portanto, a conferencia d'estes ministros e do padre Cienfuegos em casa do embaixador de Allemanha correu animadissima. A paixão, que trazia incendida a alma do bispo de Lubiana, mais lhe inflammou os espiritos guerreiros, que facilmente se communicaram aos tres ministros acima nomeados, tanto por effeito da eloquencia do prelado, como em razão de serem aquelles militares, e dois d'elles, o conde de Stampa e o conde de Galloway, generaes distinctos.

Finalmente, depois de mutuos protestos de intima alliança, e de energica e leal cooperação, resolveram que não consentiriam que passassem por diante das suas portas ministros com vara alçada, oppondo força, e, se necessario fosse, mão armada.

Quiz o acaso, ou talvez o proposito do governo, porque este achava-se ao facto de quanto se passava a occultas suas, e estava preparado para todas as phases que a questão podesse tomar; quiz o acaso, ou o proposito do governo, repetimos, que logo no dia seguinte á noite em que se realisou aquella conferencia passassem pela porta do embaixador de Allemanha o corregedor da corte Manuel Henriques Saccoto dentro de uma sege; e pela porta do embaixador hespanhol o corregedor do bairro Alto, juiz do crime da Mouraria, e o corregedor do civel Francisco Nunes Cardeal.

De ambas as casas saíram á rua os criados a embargarem o passo aos ministros de justiça. Estes, que não eram simples alcaides, mas sim homens que tinham a consciencia da auctoridade do seu cargo; que estavam resentidos, julgando-se aggravados pelo procedimento anterior do bispo de Lubiana para com os outros ministros e officiaes de justiça; e que se sentiam, finalmente, escudados pela firmeza do governo, resistiram á intimação e quizeram forçar a passagem.

Houve altercação, mas, acudindo mais criados, os corregedores foram obrigados a ceder e voltar para traz, a tempo em que o povo, que se tinha juntado para presenciar tão estranha scena, começava a murmurar e a mostrar indignação, proferindo algumas palavras desabridas contra os dois embaixadores, cujos criados praticavam similhante escandalo.

Estavam, pois, rotas as hostilidades. Os ministros de quatro grandes potencias atiraram a luva a Portugal, mas o governo d'este pequeno paiz apanhou-a e fez com que os provocadores se arrependessem da sua audacia.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

A CABALA

A *cabala* vem do hebreu *kabbalah*, que significa *tradição*. Applica-se este vocabulo a muitos objectos, de que daremos algumas significações.

A cabala quer dizer doutrina não escripta, transmittida de paes a filhos e de edade em edade. Era o que os judeus chamavam lei oral, por contraposição á lei escripta. Moysés, diziam elles, recebeu de Deus, no monte Sinai, com a lei a explicação da lei; regressando á sua tenda ou barraca, transmittiu primeiro esta explicação a seu irmão Aaron, grão-sacerdote, depois a Eleazar e a Ithamar, filhos de Aaron, depois aos setenta anciãos que compunham o synhedrio, e, a final, a qualquer judeu que desejasse entendel-a; por modo que não havia explicação que Aaron não tivesse ouvido quatro vezes, Eleazar e Ithamar tres, os setenta anciãos duas, e uma o vulgo dos judeus.

A cabala significava tambem a interpretação que os doutores judeus e os rabbinos davam, quer do texto da escriptura, quer das palavras e das letras de que se compunha o mesmo texto, e que elles submettiam a certos calculos e combinações.

A cabala pratica era a sciencia com que os judeus se faziam milagrosos, e a que attribuiam os milagres de Moysés, Josué, Elias e Jesus Christo. Segundo alguns doutores, a cabala era tão antiga como o mundo; estava fundada em um livro que Adão recebêra quando fôra expulso; ou era uma especie de encyclopedia onde se expunham todos os segredos da natureza, e, entre outros, a arte de conversar com o sol e a lua, de mandar os anjos bons e maus, de ler no futuro, de chamar ou afastar, conforme o proprio capricho, os mais espantosos flagellos.

Foi com o auxilio das receitas contidas n'este precioso livro que Salomão, que pôde obtel-o, achou o meio de construir o templo sem a cooperação de nenhum instrumento de ferro. Este livro, que o sabio Isaac-Ben-Abraham mandou imprimir ha quasi dois seculos, não deve estar inteiramente perdido, se os rabbinos que o condemnaram ao fogo não conseguiram inutilisar toda a edição.

A cabala philosophica é a metaphysica sublime que se refere especialmente a Deus, aos espiritos e ao mundo.

A cabala emprega-se egualmente no sentido de associação secreta, organisada com intuito malevolo e com fins illicitos, e tem como synonymos intriga, mexerico e enredo. N'esta accepção, comprehende a idéa do projecto e da execução, sempre contraria aos dictames da justiça. Em politica serve para transviar a opinião publica, assim a respeito das coisas como a respeito dos homens.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31